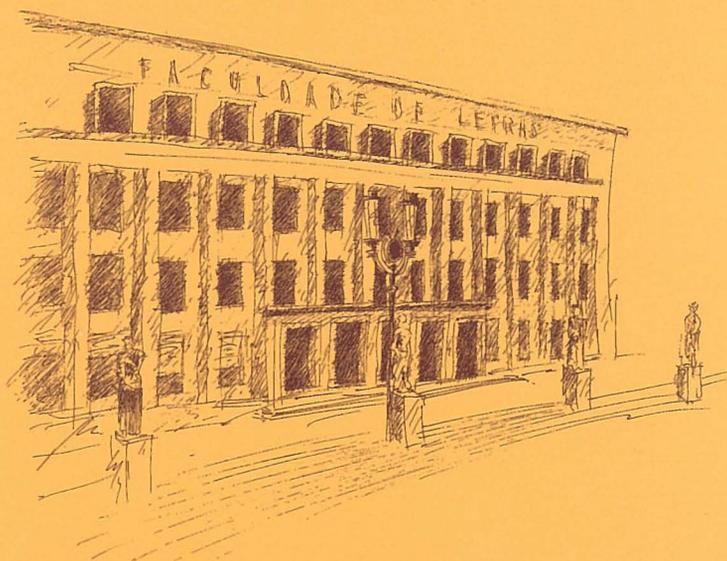


DELFIN F. LEÃO  
Coordenação

# Instituto de Estudos Clássicos

## Um Passado com Futuro

*60 anos de actividade  
científica, pedagógica e cultural*



Coimbra  
Imprensa  
da Universidade  
2005



Fundação Eng. António de Almeida

DELFIN F. LEÃO  
Coordenação

# Instituto de Estudos Clássicos

## Um Passado com Futuro

*60 anos de actividade  
científica, pedagógica e cultural*



Coimbra  
Imprensa  
da Universidade  
2005



Fundação Eng. António de Almeida

**Coordenação editorial**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**Concepção gráfica**

António Barros

**Execução gráfica**

Imprensa de Coimbra, Lda  
Couraça dos Apóstolos, 126  
3000-372 Coimbra

ISBN

972-8704-44-5

**Depósito Legal**

224950/05

© 2005, Imprensa da Universidade de Coimbra

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS



OS SESSENTA ANOS DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS:  
PAUSA PARA REFLEXÃO

Quando foi criado o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, por iniciativa do Professor de Latim Doutor Rebelo Gonçalves, em 10 de Maio de 1944, já existiam outros institutos similares consagrados às Línguas e Literaturas Modernas que se professavam naquele edifício – Francês, Inglês e Alemão – esses, com a vantagem de receberem apoio bibliográfico dos países a que diziam respeito. Não era esse o caso da área de Grego e de Latim, que dispunha apenas dos livros herdados do Doutor Gonçalves Guimarães e de um fundo retirado da Biblioteca Central, e esse mesmo adquirido graças à insistência do Professor de Grego e de obras doadas ou cedidas pelos outros institutos. Eram estes dois catedráticos que, embora altamente qualificados, regiam as oito disciplinas especializadas do curso. Só a partir de 1947 é contratado um Professor italiano para as disciplinas de Hebraico, o Dr. Vincenzo Cocco, o qual passou a assegurar também as aulas práticas de Latim e Grego.

Deste modo, não obstante os bons augúrios que a colaboração de um distinto Professor como conferente na sessão inaugural, vindo do outro extremo da Romania, parecia oferecer, e não obstante uma tentativa de distribuição de trabalhos de investigação aos alunos de Latim – tentativa essa que não teve condições para se realizar – só três anos depois apareceu o primeiro sinal positivo: a publicação do tomo I da revista *Humanitas*.

Porém, uma revista desta natureza pressupõe a existência de uma equipa, bem como de uma condição ainda mais difícil de obter, que é o espírito de equipa. Tais condições não se verificavam, e os dois volumes duplos que ainda apareceram nesse circunstancialismo são disso testemunho (o último já só tem um quinto de colaboração portuguesa).

Entretanto, em 1951, ocorreram alterações de diversa ordem: o Professor de Latim transfere-se para a Faculdade de Letras de Lisboa, de onde era originário, e o Professor de Grego, Doutor Carlos Simões Ventura, coadjuvado por dois novos elementos, entrados em anos sucessivos, com os quais constitui uma comissão redactora, inicia uma nova série de *Humanitas* em moldes diferentes.

Conforme se lê na advertência subscrita pelo Doutor Carlos Ventura, a revista quer ser uma publicação da escola a que pertence, sem excluir, evidentemente, a colaboração de grandes especialistas estrangeiros. São disso prova os dois artigos de professores muito famosos da Universidade de Oxford, E.R. Dodds e M. Platnauer, conseguidos a pedido dos dois novos docentes que, em anos diferentes, haviam sido seus alunos.

E abro aqui um parêntesis para sublinhar que proporcionar aos seus antigos discípulos uma sólida e vasta preparação, que só em grandes meios científicos podia obter-se, era uma das grandes preocupações do Doutor Carlos Ventura. Essa orientação mantivemo-la ao longo dos anos, à medida que entravam novos elementos para o grupo. Itália, Alemanha, Holanda, França foram alguns dos países escolhidos, conforme a especialidade pretendida por cada um. E perdoe-se-me o orgulho de lembrar que nas últimas décadas do século passado já foi possível que helenistas e latinistas do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte viessem preparar a tese de doutoramento sob a orientação dos que passaram a ser os dois professores mais antigos da nossa secção.

Mas voltemos à revista e à sua nova série. Logo nesse primeiro volume se nota a preocupação de alargar horizontes e proporcionar informação actualizada sobre as iniciativas desenvolvidas noutros países, através da criação de duas novas secções: Notícias e Comentários, e Índice de Revistas. Facto não menos importante é que *Humanitas* se abre a campos de estudos afins, mediante a publicação de um artigo sobre Conimbriga pelo que já então se distinguia como especialista de Arqueologia Romana, o Dr. J.M. Bairrão Oleiro. Essa abertura manter-se-á pelos anos fora e não é por acaso que será na nossa revista que o mesmo arqueólogo apresentará o primeiro estudo sobre as recentes escavações por ele encetadas no criptopórtico de Aeminiun. É no mesmo volume que se publica também o primeiro de uma série de estudos sobre Vasos Gregos em Portugal sob a orientação do mestre oxoniense Sir John Beazley. Mencione-se de passagem que dois desses vasos, que haviam sido encontrados em Alcácer do Sal, vieram anos

depois a ser doados ao Instituto de Arqueologia pelo proprietário do terreno onde haviam aparecido, o Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, Doutor Francisco Gentil. Nesse mesmo volume de 1953-54, outra secção, neste caso a de Paleografia, vem dar um valioso contributo: a revelação de um manuscrito da Biblioteca Pública de Évora, do século XI, com fragmentos do livro III das *Geórgicas* de Virgílio, pelo Doutor Avelino de Jesus Costa.

Todas estas novas orientações frutificaram ao longo dos anos. Em breve se lhes juntou a audição de música contemporânea inspirada em temas clássicos, desde Stravinsky a Erik Satie, Carl Orff, Darius Milhaud e outros, apresentados geralmente pelos Professores de História da Música.

A interdisciplinaridade alarga-se também a convites a especialistas de outras Faculdades: na ocasião em que a Física Atómica começava a ser conhecida em Portugal, um jovem Doutor da Faculdade de Ciências, J. Veiga Simão, vem fazer uma conferência sobre “A Física Atómica e os Gregos”; da Faculdade de Direito – e para citar só mais um exemplo – vem o Doutor Mário Júlio de Almeida e Costa falar de Direito Romano.

É fácil multiplicar os exemplos, como pode verificar-se percorrendo as dezenas de páginas hoje apresentadas neste volume. E também é bom notar que de vários países estrangeiros vêm fazer conferências alguns dos maiores nomes dos Estudos Clássicos. Cito apenas um pequeno número: da Holanda, Van Groningen e Christine Mohrmann; da Inglaterra Kenneth Dover e Oliver Taplin; da Alemanha Dieter Lohmann, Elizabeth Welskopf, Helmut Flashar; da Suíça Walter Burkert; da Espanha Fernández Galiano. Todo este renascimento se deve, naturalmente, à vinda de novos elementos para o Instituto de Estudos Clássicos, consolidada muitos anos depois pelo alargamento dos quadros. E, não menos, à entrada em vigor de uma reforma que, não sendo isenta de defeitos (não há reformas perfeitas), trouxe uma visão inovadora dos Estudos de Letras: Disciplinas propedêuticas, Seminários conducentes à preparação das teses de licenciatura (precursores dos futuros seminários de mestrado criados em 1982), divisão das Línguas, Linguísticas e Literaturas por disciplinas diferentes, criação de cadeiras de História da Cultura. Pelo que toca à nossa área, o ensino de História da Cultura Clássica, obrigatório para toda a Faculdade, excepto Geografia, não só veio alargar os limitados horizontes em que se moviam os alunos de Grego e Latim, como veio revelar aos de Línguas e Literaturas Modernas, de História e de Filosofia, os alicerces sobre os quais se edificaram esses ramos do saber. Dos arranjos subsequentes desta

reforma, que, de um modo geral, não a melhoraram, não nos ocuparemos aqui. Em todo o caso, a semente estava lançada à terra.

Ora, precisamente nesse ano de 1957, apenas uns meses antes, fora criada a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, aberta a professores e estudantes dos diversos graus de ensino, dispersos por todo o país, e destinada a fomentar o progresso e a difusão dos estudos greco-latinos. O êxito obtido com a realização de conferências, a uma média de cinco ou seis por ano, audições musicais, visitas de estudo, foi grande durante anos sucessivos e nele se deve incluir a criação no âmbito do Instituto, em 1984, a pedido de antigos alunos, actuais professores do Ensino Secundário, de uma revista destinada ao ensino e divulgação das línguas e culturas antigas, que teve grande adesão: o *Boletim de Estudos Clássicos*. A própria associação, ao fim de quarenta e oito anos, e já sob a presidência do Doutor Francisco de Oliveira, renovou os seus estatutos e decidiu concentrar-se na realização de congressos e colóquios bienais. E assim, a partir de 1998, tiveram lugar, com grande êxito, e com actas já publicadas, os seguintes: *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa*, *O Espírito Olímpico no Novo Milénio*, *Penélope e Ulisses*. No primeiro e no terceiro esteve já representada a Euroclassica (Federação Europeia da Associação de Professores de Línguas e Civilizações Clássicas). O segundo contou com a adesão do núcleo de Viseu da Universidade Católica e efectuou-se nesse edifício. Actualmente, a Associação portuguesa é filiada na FIEC e na Euroclassica.

É altura de fazer referência à criação do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, em 1967, por proposta dos Doutores Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira. E justo é salientar que foi graças ao empenhamento de dois outros professores da Faculdade, os Doutores A. J. Costa Pimpão e A. Miranda Barbosa, conselheiros do Instituto para a Alta Cultura, que se tornou possível a entrada em funcionamento na Faculdade de Letras dessa unidade de investigação, que a partir de então não mais deixaria de se desenvolver, quer sob a égide daquela organização estatal, quer das que lhe sucederam na tutela (Instituto Nacional de Investigação Científica e Fundação para a Ciência e Tecnologia).

Não podemos deixar de dar um lugar à parte ao convite que, em 1976, a Prof.<sup>a</sup> E. Ch. Welskopf, da Academia das Ciências de Berlim, endereçou ao Centro para elaborar a parte portuguesa de uma publicação monumental, em seis volumes, por ela dirigida, sobre terminologia política grega e sua presença nos mais diversos países de todos os continentes. Logo se constituiu um grupo

de trabalho, dirigido pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira e composto pelos bolsheiros do Centro que se encontravam em actividade, num total de dez (e que na sua maioria são hoje professores catedráticos). A obra viria a ser publicada em 1982 pelo Akademie Verlag de Berlim, com o título *Soziale Typenbegriffe im alten Griechenland*.

De resto, muitos eram os trabalhos de investigação em curso, orientados por áreas. Para além dos de Línguas e Literaturas Latinas, ocupavam já um lugar de destaque os estudos sobre os humanistas portugueses, a que o Doutor Américo da Costa Ramalho dera grande impulso, quer através do Seminário sobre o Latim do Renascimento, dirigido por aquele Professor, a partir de 1963-64, quer das numerosas publicações monográficas, colectâneas de trabalhos e edições, com tradução e notas, daqueles autores, que permitem colher dados muito importantes sobre a História e a Cultura Portuguesas. Entretanto, começaram também a despontar os estudos sobre Latim Medieval, sob a orientação do Doutor José Geraudes Freire.

Para além da investigação realizada pelos seus membros e respectiva publicação, o Centro promoveu, em 1973, juntamente com o Instituto, um Colóquio sobre o Ensino do Latim, destinado à apresentação e discussão dos novos métodos de ensino (com destaque para o então recentíssimo *Cambridge School Classics Project*), bem como a fundamentar o estudo dessas disciplinas no ensino secundário. Ouviram-se, entre outros valiosos contributos, as palavras de conceituados especialistas, que sucessivamente versaram a relação do Latim com o Português, com as outras línguas modernas, com a História, a Filosofia e o Direito. Outras realizações conjuntas foram o Segundo Curso de Actualização de Línguas e Literaturas Clássicas (em 1982), e diversos congressos, como o do “Humanismo Português na Época do Renascimento”, “Medeia no Drama Antigo e Moderno”, “Plutarco Educador da Europa”, “O Teatro Neolatino em Portugal e no Contexto da Europa - 450 Anos de Diogo de Teive”, “Anchieta em Coimbra - 450 Anos do Colégio das Artes da Universidade”, “O Retrato Literário como Estratégia de Teorização Política”.

Ainda relativamente ao Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, cumpre realçar que nos últimos anos, sob a direcção da Doutora Maria do Céu Fialho, as áreas de investigação se diversificaram por quatro linhas, uma dedicada à Antiguidade Grega, outra à Romana, outra ainda ao Latim Medieval e Renascentista, além de uma quarta, mais recente, de Pragmática Teatral, destinada à divulgação do Teatro Antigo, assunto a que voltaremos adiante.

Além disso, e de acordo com a ordenação actual da FCT, o Centro tem fomentado a realização de reuniões científicas de carácter interdisciplinar e internacional. Nessas actividades se enquadram, por exemplo, o colóquio “Éticas: Diálogo com Aristóteles”, organizado em 2004 em conjunto com o Centro de Linguagem Interpretação e Filosofia, também da Faculdade de Letras. De uma parceria semelhante, desta vez situada no âmbito da acção integrada Valladolid-Coimbra, bem como dos mestrados em Poética e Hermenêutica, e em Literaturas Clássicas, decorreu o colóquio “Sob o Signo de Medeia”.

Dos projectos actualmente em curso, adquire especial relevo, pela sua amplitude, e pelo número de investigadores que envolve, o dedicado à Ideia de Europa, e às Raízes da Identidade Cultural Europeia.

Por sua vez, ao longo dos últimos decénios, o Instituto de Estudos Clássicos tem levado a efeito, em conjunto com outros institutos da Faculdade, congressos internacionais que atraíram muitas centenas de participantes. Lembraremos em especial o II Congresso Peninsular de História Antiga, em parceria com o Instituto de Arqueologia, e presidido pelo Doutor José Ribeiro Ferreira (em 1990), e o Congresso Comemorativo do Infante D. Pedro, com o Instituto de História Económica e Social (1992). Outras iniciativas congéneres decorreram com a colaboração de entidades estrangeiras. É o caso do Congresso Internacional “As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal”, organizado de par com a associação parisiense Archives du XX<sup>ème</sup> Siècle, que teve como presidente de honra o humanista e antigo Chefe de Estado do Senegal, Léopold S. Senghor (1998), e que reuniu especialistas de catorze países.

Foi ainda na sequência deste congresso que no colóquio “La latinité: l’avenir d’un passé”, organizado na Universidade de Cluj pela Fundatia Culturala Romana em 1998, se votou a criação de um Centro Internacional de Latinidade, a ser acolhido, na sua primeira fase, pelo Instituto de Estudos Clássicos de Coimbra.

---

14

Destina-se esse Centro a promover a aproximação entre países, instituições e pessoas interessadas na herança linguística e cultural da Latinidade; favorecer pela sua acção o diálogo de todas as culturas; introduzir nesse diálogo a voz da cultura greco-romana; levar a efeito actividades de extensão cultural, colóquios, conferências, exposições e representações de teatro antigo. Diversos países enviaram delegados à primeira reunião, efectuada em Coimbra (Argentina, Brasil, Espanha, Suíça). Outros manifestaram a sua adesão por escrito (Bélgica, Itália, França, Roménia).

Entre as actividades desenvolvidas por esse Centro, figuram a participação, juntamente com outras entidades, na celebração do Dia da Latinidade, o último dos quais, em 2004, consagrado em especial a Horácio e à sua permanência, com a colaboração, para além de classicistas de Coimbra, dos de Lisboa e de Buenos Aires e de professores de Literaturas Modernas de Coimbra e de Lisboa.

Outros colóquios foram organizados pelo Instituto de Estudos Clássicos, como os consagrados aos “Fragmentos de Plutarco e a Recepção da sua Obra” (este, em colaboração com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e com a Sociedade Portuguesa de Plutarco), “A Ciência: Débitos ao Passado e Perspectivas de Futuro”, e “Som e Imagem” (este, de carácter didáctico), além de sessões culturais, com a participação de diversos professores, como as que foram consagradas ao Mito e a que versou sobre Prometeu.

Outra actividade do Instituto de Estudos Clássicos, e também sob a direcção do Doutor José Ribeiro Ferreira, foi a realização da série de sessões de “Encontros com Escritores”, que, num total de dezassete, e ao longo de vários anos, trouxe a Coimbra poetas e prosadores contemporâneos que retomaram temas clássicos nas suas obras. A respectiva apresentação era sempre feita por conhecidos especialistas.

Um facto que especialmente agrada registar é a sucessiva aproximação que tem vindo a efectuar-se entre o Instituto de Estudos Clássicos de Coimbra e o seu congénere de Lisboa, bem como dos respectivos Centros. Primeiro em convites pessoais, depois em organizações conjuntas, esta colaboração entre as únicas instituições do país exclusivamente consagradas à Antiguidade Greco-Latina é um exemplo enriquecedor. Assim sucedeu já com o congresso comemorativo do Bimilenário de Virgílio, em Lisboa, e se repetiu com a celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte (*Toto notus in orbe Martialis*), este repartido pelas duas cidades.

Quatro anos antes deste último, ou seja, em 2000, a estes mesmos institutos e centros se associou o Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Humanas e Sociais, da Universidade de Évora, para organizar o Congresso Internacional do Humanismo Português: “Cataldo Sículo e André de Resende - 500 anos”. E assim, pelas três cidades que, no século XVI, foram de facto, e não por decreto, capitais nacionais da cultura, se desenrolou esta homenagem a duas grandes figuras do nosso humanismo.

Merece uma referência à parte um Congresso realizado, em 1992, por iniciativa de alunos do 4<sup>a</sup> ano do Curso de Línguas e Literaturas Clássica e

Portuguesa sobre “O Amor deste a Antiguidade Clássica”. Da qualidade excepcional deste curso voltaremos a falar. Aqui notaremos só que um dos seus elementos, o Doutor Delfim Leão, é o actual Director do Instituto de Estudos Clássicos.

Uma vez que para tratar o tema fora escolhida uma perspectiva diacrónica, foram convidados a falar professores, não só de Estudos Clássicos, mas também de Línguas e Literaturas Românicas. Deste último grupo eram também os especialistas que tomaram parte na mesa-redonda subordinada ao tema “A Fortuna do Amor” (Doutores Ofélia Paiva Monteiro, José Carlos Seabra Pereira e José Cardoso Bernardes, além de um estudioso de Psicologia, o Doutor Álvaro Miranda Santos). O debate foi moderado pelo Doutor Aníbal Pinto de Castro, que já fora um dos conferentes da véspera – um mestre que tanto tem colaborado com o grupo de Clássicas em diversas ocasiões, nomeadamente, tomando a seu cargo, desde o começo, dirigir um dos seminários do mestrado, o de Literatura Portuguesa Clássica. Como não podia deixar de ser, realizou-se ainda um debate sobre o futuro das Línguas Clássicas, em que participou também um dos estudantes do curso.

Um caso especial de colaboração do Instituto de Estudos Clássicos com outros países europeus é o da participação, através da Doutora Maria de Fátima Silva, no Centre for Study and Practical Realization of the Ancient Greek Drama, coordenado pela actriz Aspasia Pappathanassiou, de Atenas, e pelo Professor Oliver Taplin, da Universidade de Oxford. Após um primeiro congresso em Komotini, na Trácia, em 1992, sobre “O Coro no Teatro Grego”, delineou-se um programa de informação e documentação sobre o drama grego antigo que se propõe recolher e organizar os dados disponíveis nesse âmbito. Assim se constituiu, sob a orientação daquela Professora, um grupo de trabalho formado por investigadores do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, que publicou já três volumes.

16 —————  
Outro campo de actuação que tem conhecido um grande êxito é o da divulgação do teatro grego e latino, através de representações feitas por grupos de jovens estudantes, quer nacionais, quer estrangeiros. Com gloriosos precedentes no tempo em que o Doutor Paulo Quintela encenava no TEUC um drama de cada um dos grandes trágicos gregos, em versões expressamente feitas do original por helenistas que são hoje investigadores do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e uma primeira amostra em 1992, dada pela representação integral, em Latim, dos *Menecmos* de Plauto, pelo grupo de teatro latino da Universidade de Trier, representação essa apoiada por um

engenhoso prólogo em português, composto pelo Dr. Louro da Fonseca, o qual tornou o espectáculo compreensível ao numeroso público escolar presente, começou a tomar forma na nova geração, ou, mais concretamente, no mais distinto curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesas, a que já aludimos, o projecto de criar um grupo de teatro antigo.

Partindo de algumas primeiras tentativas e com o apoio do Dr. Louro da Fonseca, e tendo começado por cenas do *Soldado Fanfarrão* de Plauto, o projecto é retomado, a partir de 1996, com a rodagem de uma versão video, feita em Conimbriga, de *Mulheres no Parlamento* de Aristófanes, e, dois anos depois, com uma representação do *Epídico* de Plauto. Mas é a partir de 1998 que o então director do Instituto de Estudos Clássicos, Doutor José Ribeiro Ferreira, juntamente com o grupo de Assistentes dedicado à pragmática teatral, Delfim F. Leão, José Luís Brandão, Luísa de Nazaré Ferreira, Paulo Sérgio Ferreira e Cláudia Cravo, cria a Associação Cultural *Thíasos*, logo oficializada como entidade jurídica. Nessa conformidade, se organiza um curso breve de Teoria e Prática do Teatro Grego, dirigido por José Luís Navarro (Universidade Complutense de Madrid) e Gemma López y Martínez. Poucos meses depois, Helmut Flashar, da Universidade de Munique, e Oliver Taplin, da de Oxford, fazem cada um duas conferências sobre o tema.

A partir do ano 2000, e sempre sob a orientação do Doutor José Ribeiro Ferreira, sucedem-se os festivais de teatro, ora em Conimbriga, ora em Coimbra, em Viseu, em Braga, em Tomar, e noutros locais, em que desempenham papel importante, além do *Thíasos*, outros grupos nacionais e espanhóis. Estas actividades concentram-se em Festivais Escolares, na Primavera, e Encontros de Verão. Representam-se tragédias de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípides e comédias de Aristófanes e de Menandro, de Plauto e de Terêncio. Também outros textos clássicos são dramatizados com grande êxito, como “O Poeta e o Maçador” (a partir da Sátira 1.9 de Horácio) e “Marcial em Traje de Cena” (com base em epigramas do poeta hispânico). De notar que o *Thíasos* tem participado em festivais internacionais em França e Espanha e que se associou às comemorações dos 2500 anos do nascimento de Sófocles, representando as *Traquínias*.

Finalmente, os vários organismos que asseguravam estas representações - Instituto de Estudos Clássicos, Liga de Amigos de Conimbriga e Grupo *Thíasos* do IEC - acordaram, em 2002, em constituir uma só entidade, Festival de Teatro de Tema Clássico - Associação Promotora, que em 2003 adoptou a sigla FESTEIA - Tema Clássico.

Por último, há que referir a quantidade de publicações que ao longo destes 60 anos se tem produzido e o trabalho assíduo e esforçado que está na sua base. Das revistas já falámos: uma, *Humanitas*, anual, já com 56 volumes; outra, o *Boletim de Estudos Clássicos*, com 42 tomos. Mas existem, além disso, diversas colecções que se iam organizando de acordo com os subsídios e patrocínios disponíveis. Assim, há uma série mais antiga, só do Instituto de Estudos Clássicos, com 12 volumes; outra, só do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, com 9; outra ainda, com o título de *Estudos de Cultura Clássica*, com 7. Duas outras séries são exclusivamente consagradas à publicação de traduções comentadas: uma dirigida pelo Doutor Walter de Sousa Medeiros, chamada *Textos Clássicos*, já com 36 volumes, tem prestado inestimáveis serviços, oferecendo, em muitos casos pela primeira vez, traduções fidedignas, com prefácio e notas, de autores gregos e latinos; outra, orientada pelo Doutor Américo da Costa Ramalho, tem tido idêntico papel em relação aos nossos humanistas, intitula-se *Textos do Humanismo Renascentista em Portugal* e conta já com 11 volumes.

Outras colecções foram publicadas por editores comerciais, embora dirigidas por professores nossos, nas quais destacamos, por ordem cronológica, a Biblioteca Integral Verbo, série Clássicos Gregos e Latinos, de que só chegaram a sair três volumes em 1973; a série Clássicos Gregos e Latinos, das Edições 70, dirigida pelo Doutor José Ribeiro Ferreira, iniciada em 1989, e com 35 volumes; a Colecção Humanitas: Autores Gregos e Latinos, da Relógio d'Água Editores, dirigida pelo mesmo Professor e com três volumes, todos saídos em 1989.

A tudo isto, e também sob a égide do Doutor José Ribeiro Ferreira, se vem juntar a colecção FESTEIA – Tema Clássico, que, com o formato de livro de bolso, o qual faz as vezes de bilhete por ocasião dos espectáculos, oferece traduções, com prefácio, dos grandes autores de teatro gregos e latinos, num total de mais de 20 peças, algumas das quais já em terceira tiragem.

---

18

Um grosso volume com as sete tragédias conservadas de Sófocles, com tradução e prefácio de três professores da secção, foi o contributo da organização “Coimbra Capital Nacional da Cultura”, em 2003, para comemorar os 25 séculos do dramaturgo.

Sem contar os numerosos tomos de actas de congressos, há que acrescentar ainda os volumes temáticos completados no decurso do ano de 2004: *Fluir Perene. A Cultura Clássica em Escritores Portugueses Contemporâneos*, coordenado por José Ribeiro Ferreira e Paula Barata Dias; *O Retrato e a*

*Biografia como Estratégia de Teorização Política*, organizado por Aurelio Pérez Jiménez, José Ribeiro Ferreira e Maria do Céu Fialho; e *Nomos, Direito e Sociedade na Antiguidade Clássica*, editado por Delfim F. Leão, Livio Rossetti e Maria do Céu Fialho.

Esta enumeração de actividades, que a alguns poderá ter parecido longa – e é bom sinal, porque significa que são numerosas – não é exaustiva e pode até dar-se o caso de eu ter omitido, involuntariamente, factos importantes. Mas o principal, e isso espero tê-lo conseguido, é transmitir a noção de que estamos perante um grupo que, a partir de um pequeno núcleo inicial, se expandiu e desdobrou em múltiplas actividades; que tem mesmo criado doutores para continuarem a sua escola, assegurando o ensino do Latim, não só na Universidade do Porto, mas em várias das chamadas universidades novas – Minho, Aveiro, Évora; que tem estado atento à necessidade de actualização e adaptação permanente, que é comum a todo o ensino, mas em especial ao das Línguas Clássicas; que se tem aberto à colaboração com outros países, e estabeleceu uma relação especial com o Brasil que tem tornado acessível o conhecimento dos autores greco-latinos através de traduções directas, já numerosas. E que tem feito e certamente continuará a fazer os maiores esforços para tornar compreensível à sociedade portuguesa que nem só as técnicas são necessárias ao seu progresso, mas também uma formação cultural transmissora e impulsionadora dos valores em que ela assenta. Gostaria de terminar com uma advertência do meu mestre oxoniense, Prof. E. R. Dodds, feita há algumas dezenas de anos, mas sempre actual, numa alocução à Classical Association, subordinada ao significativo título de “Ensino dos Clássicos num Clima Alterado”. A frase, que traduzo, é esta: “seremos mais sensatos se dissermos francamente que o real valor dos bens que oferecemos deve aquilatar-se, não em termos de técnicas susceptíveis de serem transmitidas ou de informação de utilidade imediata, mas em termos de experiência humana”. Julgo que não será preciso sublinhar que esta afirmação é igualmente aplicável a todas as áreas das Ciências Humanas.

Série

Documentos

•

Coimbra  
Imprensa da Universidade

2005